

Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta

Ildo Perondi

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano V – Nº 42 – 2008

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta

Ildo Perondi

Introdução: Francisco e sua busca. As origens

Francisco de Assis nasceu em 1181 ou 1182. Depois de uma juventude bastante atribulada, em 1202 foi feito refém na guerra entre Assis e Perúgia e ficou um ano preso. Depois, passa por um período de forte doença (1204). A mudança de vida ocorrida em Francisco de Assis se deu devido à sua inquietude diante do que vivia. Francisco rezava, entrava em contemplação, assumia a atitude de espera, retirava-se para lugares desertos, ia às Igrejas. Diante do crucifixo de São Damião, ele perguntava: “Senhor, que queres que eu faça?”. Um dia, enquanto andava pelos arredores da pequena Igreja de São Damião, abandonada e quase em ruínas, entrou para rezar.

Ouviu o Crucificado chamando-o pelo nome: “Francisco, vai e restaura a minha casa que, como vês, está toda destruída” (2Cel 10). Acreditando que era isso que o Senhor queria dele, começou a restaurar as Igrejas que encontrava abandonadas.

Um marco decisivo na vida de Francisco foi o encontro com o leproso. É desta experiência concreta que nasce a sua vocação e o início da sua caminhada, como ele mesmo descreve no início do seu Testamento: “Deus, nosso Senhor, quis dar a sua graça a mim, o irmão Francisco, para que começasse a fazer penitência; porque, quando eu estava em pecados, parecia-me muito amargo dar com os olhos nos leprosos; mas o mesmo Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de mi-

sericórdia. E, ao afastar-me deles, o que antes me parecia amargo, converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo: e em seguida, passado um pouco de tempo, saí do mundo” (Testamento 1-3).

No dia 24 de fevereiro de 1208, festa de São Matias, enquanto estava na Igreja da Porciúncula, Francisco ouviu o Evangelho do envio apostólico que o tocou profundamente. Depois da Missa, pediu ao sacerdote que lhe explicasse a passagem. Ouvindo atentamente o modo como Jesus havia enviado os seus discípulos, entusiasmou-se imediatamente no espírito de Deus exclamando: “É isso que eu quero, isso que eu procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o meu coração” (1Cel 22).

Em abril do mesmo ano, ele já estava com os seus primeiros companheiros iniciando o seu movimento: “E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho” (Testamento 14).

Então entendeu melhor a mensagem do Crucificado. Qual era a Igreja a reparar e que estava desmoronando? E foi descobrindo que, mais que uma Igreja de pedras, a missão que Cristo queria dele era que deveria reconstruir a Igreja viva, de pessoas. Era a Igreja de Jesus

que estava em ruínas... Era a sociedade toda que precisava ser reconstruída.

O movimento cresceu, novos irmãos foram sendo acrescentados ao grupo e iniciou-se o trabalho missionário. Em 1212, na noite de Domingo de Ramos, Clara fugiu de casa e foi recebida na Igreja da Porciúncula e depois foi a São Damião e o movimento iniciado por Francisco viu nascer o seu lado feminino.

É destas fontes que nasceu o Movimento Franciscano e a Espiritualidade Franciscana que é como um grande rio, nascido da fonte que é Francisco de Assis, mas a ele foram se juntando seus companheiros, Clara e as demais Irmãs, e todos os ramos da grande Família Franciscana que seguiram os passos de Francisco e seus irmãos e irmãs. Neste ano, estamos celebramos 800 anos do início do Carisma Franciscano.

Os fatos descritos acima nos ajudam a compreender as motivações que levaram São Francisco a iniciar o movimento Franciscano e também a perceber alguns dos traços da Espiritualidade Franciscana. E é a partir deles que vou ver qual a contribuição que a Espiritualidade Franciscana pode dar no cuidado com a vida humana e do planeta.

1 A Espiritualidade Franciscana e o cuidado com a vida humana

1.1 Abraçar os leprosos

Francisco entende que a Encarnação de Jesus é o momento mais importante da Bíblia. “É o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). O ponto máximo da criação é o ser humano e o máximo que Deus podia fazer na história era encarnar-se. Deus resolveu ser um de nós. Jesus encarnou-se no meio dos pobres. Se Jesus encarnou-se neste mundo, o mundo é bom. Francisco também faz o processo de saída, de inserção, encarnação no mundo.

O mundo é o lugar de Deus, o chão da vida. O mundo é obra de Deus, é o lugar onde Ele fez história. Mesmo aquela parte do mundo desprezada, excluída ou escravizada pelo pecado, foi objeto de busca de Deus que foi ao seu encontro... Por isso, Francisco rompe as portei­ras da cidade, se torna livre. Vai às periferias de Assis, vai com os pobres, vai como pobre... Francisco optou por

ser pobre porque “o Senhor se fez pobre por nós neste mundo” (Regra Bulada 6). Por isso, ele vai ao encontro dos pobres, dos leprosos e os abraça. Torna-se solidário com eles.

A Espiritualidade Franciscana deve nos motivar hoje a ir em busca dos leprosos. “Os franciscanos teríamos que trabalhar na construção de um mundo pobre e fraterno, nunca rico e opulento.”¹ Somos nós que devemos ir até eles, ver quem são, como vivem, o que sofrem, porque estão assim e quais os caminhos possíveis para que possam sair desta situação. Depois do encontro com Francisco, com certeza, o leproso não foi mais o mesmo, também Francisco mudou. Nem nós não seremos mais os mesmos depois que abraçamos quem sofre mais do que nós. O isolamento consolida o egoísmo; o encontro transforma e provoca mudanças.

Francisco nos ensina que diante dos excluídos é preciso mudar de mentalidade e de atitude. Excluir e criar leis que marginalizam é fácil, mas não resolve o problema. Os excluídos não precisam de cercas que definam os limites; precisam de mãos que os acariciem, de braços que os abracem, de amor que lhes garanta a auto-estima. Eles precisam da compaixão, sentimento que os faz sen-

¹ BÓRMIDA, J. Economia Franciscana: uma leitura histórico-crítica das fontes. In: *Cadernos da ESTEF* n° 40/2008-1, Porto Alegre, 2008, p. 29.

tir-se bem e amados. Francisco nos ensina que esta é a única vida que os leprosos têm e por isso deve ser cuidada com amor e não com leis que excluem.

1.2 As relações fraternas

Francisco é um enamorado de Deus. Sua busca incansável de Deus chega ao ponto de afirmar: “Meu Deus e Meu Tudo!”. É desta união com o Deus que ele busca soluções para os problemas da sociedade. Se Deus é Amor, se é Trindade e Comunidade, assim deve ser a nossa relação entre irmãos. Por isso, nascem as Fraternidades, e os seus membros se chamam frades, os irmãos. A Ordem será de Irmãos Menores, justamente para indicar que Francisco prefere partir dos menos favorecidos e não dos Maiores. Esta opção não pode ser entendida fora do binômio *maiores-menores* que divide a sociedade feudal da época.²

Os frades devem ser aceitos como irmãos e valorizados, amados como são, com seus dons e suas potencialidades. Cada um trabalhará fazendo o que sabe fazer, menos os trabalhos indignos, que vão contra a vida que abraçaram. O trabalho serve para afugentar o ócio. Somente o

trabalho não poderia extinguir o espírito de oração e piedade, ao qual devem servir todas as coisas temporais (Regra Bulada 5).

Assim Francisco entende que deve ser a vida entre os frades, do mesmo modo deve ser a sociedade. Ele entendia que somos uma grande fraternidade universal. Somos irmãos e irmãs de todas as criaturas e que existe beleza na diversidade. É o rompimento desta harmonia que provoca as guerras, os ódios, as divisões... Francisco deu o exemplo daquilo que pregava. Chamava seus companheiros de “freis”, isto é, irmãos. Mas mostrou também que esta fraternidade deve ser com todas as pessoas e com todas as criaturas...

Francisco ensinava que as relações entre irmãos devem ser de ternura e não por interesses; devem ser gratuitas, porque é assim que o Pai nos trata... Os irmãos devem exercer o cuidado sobre os outros. Por isso, na Fraternidade há um Guardião e não um Prior ou Superior. É ele quem faz o papel de mãe, que exerce o cuidado, a guarda, a proteção dos irmãos... São Francisco é considerado mãe de uma grande família (2Cel 16-17); Frei Pacífico o chamava de “mãe” ((2Cel 137). E na Regra Não Bulada encontramos escrito: “E cada um manifeste ao

² BÓRMIDA, J. Economia Franciscana: uma leitura histórico-crítica das fontes. In: *Cadernos da ESTEF* n° 40/2008-1, Porto Alegre, 2008, p. 19-21.

outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame e alimente a seu irmão como mãe ama e nutre a seu filho; e o Senhor lhe dará sua graça” (RnB 9, 13-14).

1.3 Francisco e a Paz

Francisco foi um homem de Paz. Com certeza, herdou da tradição judaica toda a dimensão do que significa o termo *Shalom*. Vou citar alguns episódios que marcaram sua vida.

1) Certa vez, o Prefeito e o Bispo de Perúgia haviam brigado. Francisco foi conversar com os dois, rezou com eles, propôs o diálogo e os fez ver o quanto de mal trazia aquele mau exemplo de duas autoridades em conflito. Na praça pública o Prefeito e o Bispo se abraçaram e selaram a paz.

2) Viviam-se o tempo das cruzadas, a guerra entre cristãos e muçulmanos. Conta-se que Francisco foi diretamente ao sultão, conversar com ele, falou-lhe com bondade e mansidão... Levou a paz e não a espada. O sultão se encantou com o exemplo daquele homem simples e pacífico.

3) Um dos episódios mais bonitos da vida de Francisco foi na cidade de Gúbio. Havia ali um lobo feroz e

mau. Entrava na cidade e matava as pessoas ou provocava um medo terrível. Havia guerra entre os moradores e o lobo. Francisco foi desarmado até ele. Conta-se que conversou com ele, mostrou-lhe o mal que estava fazendo e por isso era odiado e temido. Propôs um pacto. O lobo se tornaria mansinho e as pessoas lhe dariam o alimento... Restabeleceu-se a harmonia e a cidade voltou a ter paz.

Vivemos 800 anos depois, e Francisco deve ser lembrado como alguém que foi instrumento de paz. Ele continua cativando as pessoas e nos ensinando que podemos construir um mundo de paz e harmonia. Francisco continua nos dizendo que é inútil o uso de armas contra nossos adversários. Precisamos dialogar, conversar com o outro, superar o medo e as barreiras que nos separam. Se o lobo tinha fome, foi preciso dar-lhe de comer e em troca ele deu paz aos habitantes de Gúbio. Inútil gritar a pena de morte contra os menores que promovem a violência se não lhes dermos uma oportunidade, um futuro. Inútil gritar que devemos construir prisões e afastar de nós os adversários, se não soubermos amá-los e dar-lhes um horizonte de vida.

Hoje, também nos encontramos diante de uma natureza agressiva, porque ela está reagindo contra os maus tratos que recebe através da poluição, do desmata-

mento, da exploração insana dos seus recursos, da falta de cuidado... Precisamos dialogar com a natureza e cuidar bem dela e, em contrapartida, ela nos dará a paz e a sua bondade.

Parece incrível, mas até as religiões estão em guerras e conflitos. As religiões devem “re-ligar” e não dividir e guerrear... Não haverá um mundo de paz – continua nos ensinando São Francisco – se não houver também a paz e o diálogo entre as religiões.

É importante frisar que Francisco mudou Assis. Depois dele, Assis se tornou uma cidade símbolo de paz. Quando em 1986, o Papa João Paulo II convidou os líderes das religiões do mundo para rezar pela Paz, Assis foi ao lugar aceito por cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e tantas outras religiões, pois era um lugar onde todos se sentiam em casa.

João Paulo II afirmou que Assis é “o lugar que a figura seráfica de São Francisco transformou num centro de fraternidade universal”. De fato, quando os representantes das principais religiões se juntaram, pela primeira vez na história, para um dia de oração, de peregrinação e de jejum pela paz, sentiram-se “em casa”, como disse-

ram eles. O Cardeal Roger Etchegaray recorda: “Sentados lado a lado, João Paulo II, o Arcebispo de Cantuária, um metropolitano russo e o Dalai Lama; não falavam de religião, simplesmente se sentiam felizes por estarem juntos.”³

Nas palavras de Bento XVI, “São Francisco emana ainda hoje o esplendor de uma paz que convenceu o Sultão e pode abater realmente os muros. Se nós, como cristãos, percorrermos o caminho para a paz seguindo o exemplo de São Francisco, não temos que ter medo de perder a nossa identidade, pois é precisamente então que a encontraremos. E se outros se unem a nós na busca da paz e da justiça nem nós nem eles temos que temer que a verdade venha a ser diminuída por frases feitas. De modo algum. Se nos orientamos verdadeiramente para a paz, então estamos no caminho certo, porque estamos no caminho do Deus da paz”.⁴

A Campanha da Fraternidade de 2009 terá como tema *Fraternidade e Segurança Pública* e como lema *A paz é fruto da justiça*. Será uma boa oportunidade para refletirmos como São Francisco agiu em prol da paz e como podemos ser hoje “instrumento de paz”.

³ <http://www.capuchinhos.org/espíritoassis/espíritoassis.htm>.

⁴ www.agencia.ecclesia.pt – 19/10/2006

1.4 Viver em simplicidade e alegria

Talvez jamais tenha existido na face da terra um homem tão pobre e ao mesmo tempo tão elegante como era Francisco de Assis. Vestia-se com uma túnica pobre, recomendada, mas ela guardava uma criatura alegre, jovial, cortês e gentil com todas as pessoas. Era capaz de gestos formidáveis que atraía os distantes e desarmava os violentos.

Francisco era alegre e gostava de cantar. Certa vez, quando foi a Rieti tratar-se de uma enfermidade, pediu a um irmão que fosse buscar emprestada uma cítara para poder cantar em meio às dores. O irmão respondeu que se alguém o visse fazendo isso pensaria eu estivesse roubando e se sentiu envergonhado. E Francisco entendeu o irmão. E na noite ouviu uma cítara soando de admirável harmonia e suavíssima melodia (2Cel 89).

Francisco cantava em francês. Às vezes, pegava um pedaço de pau no chão, punha-o sobre o braço esquerdo, segurava na direita um arco de arame, passava-o no pedaço de pau e, como se fosse um violino e, fazendo os gestos correspondentes, canta ao Senhor em francês... (2Cel 90).

A vida franciscana deve ser alegre, cantada, rezada, vivida com humor, mesmo em situações mais estra-

nhas, como as tantas histórias em torno de Frei Junípero ou o texto da Perfeita Alegria (Fioretti 8).

Hoje, diante de fantásticas inovações tecnológicas, a humanidade está perdendo a percepção de ver o belo na criação e nas coisas simples da vida. Há também um declínio do humor. Mesmo os cantos atuais perderam a beleza em meio ao barulho e à poluição sonora.

A sociedade capitalista e consumista de hoje não é uma sociedade feliz. A riqueza injusta e opulenta continua sendo um pecado (como nos ensina o Evangelho). Francisco faz a opção pela pobreza, pela simplicidade da vida para nos ensinar que podemos ser felizes com poucas coisas, que o “ser” vale mais do que o “ter” e que é possível viver bem com o mínimo necessário e não devemos sonhar com o máximo permitido.

Então, o que fez e faz de Francisco de Assis esta criatura tão admirável e tão simpática, que une pessoas de diversos credos e propostas? Francisco não viveu para si; ele viveu para Deus e para o mundo. No meio de uma sociedade em conflitos e em trevas, como era no século XIII, Francisco foi capaz de sonhar e propor alternativas tanto religiosas como civis.

São Francisco foi escolhido o “homem do Milênio” que passou, superando literatos, poetas, cientistas, governantes, papas... Por qual razão? É que as pessoas

procuram em São Francisco sua própria humanidade, para reencontrar o Paraíso perdido, redescobrir a inocência perdida, a alegria tornada artificial, a vida, desviada do seu curso natural.⁵

2 O Cântico das Criaturas. Uma espiritualidade ecológica

*Altíssimo, onipotente, e bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória e a honra
E toda a bênção.*

*Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.*

*Louvado sejas, meu Senhor.
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.*

*E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor
Pelo irmão Vento
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor
Por nossa irmã a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.*

⁵ PILONETTO, A. G. Sensibilidade Ecológica de São Francisco. In: *Revista Franciscana*. vol. I, nº 1 e 2, Petrópolis: FFB, 2001, p. 44.

*Louvido sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvido sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!
Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.*

O Cântico das Criaturas é como uma síntese da Espiritualidade de Francisco de Assis. Foi composto por ele no final da sua vida e demonstra a relação que Francisco mantinha com as criaturas e com o seu Criador.

O Cântico começa por um ato de reconhecimento do verdadeiro proprietário de tudo: Deus. “Além de tudo pertencer a Ele, a própria dignidade humana é dom de

Deus. É um completo desprendimento ou despojamento de si mesmo. Esta postura é fundamental, enquanto prepara o caminho para o encantamento pela obra da criação.”⁶

Através do seu modo de agir, Francisco mostrava o cuidado que tinha com as criaturas: tirando os bichinhos do caminho para que não fossem pisados; pedindo ao homem que cortava uma árvore para que deixasse um tronco para que pudesse brotar novamente; ao ver um homem que ia vender os cordeirinhos e iam ser abatidos, ele os compra para que continuem vivendo... Francisco não só defendia as criaturas, mas estava em relacionamento com elas.

Francisco chamava seus companheiros de “irmãos”; formava as fraternidades; e chamava todas as criaturas de “irmãs”, porque entendia que juntos formamos uma “irmandade universal”. Francisco compreendia que a vida na terra era bela, que existe um Criador, que todos somos criaturas... Francisco sentia que a vida se entrelaça: terra mãe, seres humanos, animais, água, ar, fogo, vida... tudo vive em relação e interdependência. Francisco descobria que todos podíamos viver e nos ajudar a crescer ou então nos matar brutal ou lentamente.

⁶ CROCOLI, A. Desenvolvendo uma cultura de Paz. In: *Revista Franciscana*. Vol. VIII, Petrópolis, FFB, 2007, p. 21.

Francisco foi mais além. Ensinou que a vida não é só a Terra. Mas que vivemos num Cosmos (e olhem que naquela época não se tinha a visão de cosmos que temos hoje!). Francisco entendeu que o Sol e a Lua são nossos irmãos, que as estrelas em seu espaço infinito nos falam e nos transmitem energia e vida. Tudo nos é doado com muita gratuidade e bondade. Tudo é Criação, tudo é vida, tudo é mistério, tudo é obra do Grande Criador... Tudo foi criado para formar uma convivência em harmonia fraterna... Por isso, diante da vida e da Criação Francisco canta, Francisco chora, Francisco cala, Francisco ama, Francisco se maravilha... Se São Francisco soubesse da grandeza do Universo como nós sabemos hoje!⁷

Com o desenvolvimento do capitalismo tivemos uma violenta agressão à vida e ao eco-sistema que foi formado durante bilhões de anos. Tudo se tornou mercadoria, e o lucro tornou-se o objetivo principal e supremo. E o homem achou que poderia dominar e explorar sem limites os recursos da natureza. E, com isso, iniciou-se um

processo de extinção de muitas espécies (animais, plantas, peixes, pássaros etc.) e intensificou-se um verdadeiro assalto aos recursos da natureza. Na visão capitalista os recursos eram infinitos, ilimitados e renováveis. Hoje, sabemos que não o são, sobretudo com esta voracidade que são tirados da natureza.

Como reação a essa destruição do meio-ambiente, surgiu (mais de 600 anos depois de São Francisco) a Ecologia como ciência⁸: *Oikos + logia* = o estudo e administração da casa, do lugar da vida. Hoje existem pelo menos quatro visões de Ecologia: a) *Ambiental*: aquela que se preocupa com o meio ambiente, com a qualidade de vida e com a preservação das espécies; b) *Social*: não apenas o meio ambiente, mas o ambiente inteiro, inclui o ser humano e a sociedade dentro da natureza; c) *Mental*: visando superar a cultura antropocêntrica em busca de uma sociedade cósmica; d) *Integral*: reconhece que fazemos parte de toda a cosmologia, que está em gênese, em relacionamento e interdependência.

⁷ Há 70 sextilhões – o número 7 seguido de 22 zeros – de estrelas no Universo conhecido, segundo um estudo realizado por astrônomos australianos. Existem mais estrelas no Universo do que os grãos de areia das nossas praias e desertos. A Terra é o terceiro planeta de um Sol, que é apenas um entre outros bilhões de nossa galáxia, que por sua vez é uma entre tantas outras milhares de galáxias... E estamos apenas no início da exploração do Universo!

⁸ Ernest Haeckel, biólogo alemão (1834-1919), criou em 1866 a palavra “ecologia” e definiu o seu significado: o estudo do inter-retrorelacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com seu meio ambiente.

Por isso, hoje temos consciência que vivemos no “ecos”, porque a casa é o lugar mais aconchegante, o lugar do amor e o berço da vida. Ecologia é estudar a vida, conhecer a vida, cuidar da vida, amar a vida, proteger a vida, respeitar a vida! Quantos verbos poderíamos ligar com a vida?!

2.1 Escutar os gritos da Vida

Mas que vida se vê? Como anda a “Casa da Vida”? Que gritos silenciosos são estes que nos vêm das periferias da vida? A Bíblia há tempos nos ensina que nosso Deus é o Criador da Vida e que nos colocou num “jardim” para cuidar e guardar (Gn 2,8.15). Mas Ele é também o Deus que escuta o grito e o clamor da vida ferida e ameaçada: “Que fizeste? Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim!” (Gn 4,10). Era o grito da vida de Abel que chegou aos ouvidos do Senhor. O povo escravo e oprimido gritou a Deus: “Os filhos de Israel, gemendo sob o peso da escravidão, gritaram; e do fundo da opressão o seu clamor subiu até Deus. E Deus ouviu os seus gemidos...” (Ex 2,23-24a; cf. Ex 3,7-10). Quantas vezes Jesus escutou os gritos dos pobres, dos doentes, dos famintos (Mc 10,46-52; Mt 8,1-4.16; Lc 17,13; etc)? E São Paulo nos diz que “a criação inteira

geme e sofre as dores do parto... e ela também espera ser libertada da corrupção da escravidão para conseguir a liberdade” (Cf. Rm 8,18-22). Mística e Espiritualidade é também sentir a dor da natureza que sofre e geme, esperando a libertação.

São tantos os gritos que se ouvem sobretudo onde a vida é ameaçada. E é mais triste ainda saber que existem aqueles que morrem silenciosamente porque já não podem mais gritar e fazer ouvir a sua voz. Mas há também um grito da natureza que clama por ser ouvido:

- O grito da Terra sendo devastada;
- O grito dos rios (sujados e poluídos), com suas nascentes destruídas;
- O grito (silêncio) dos pássaros que estão sendo exterminados;
- O grito dos animais em extinção;
- O grito das plantas, dos insetos sendo destruídos pelos agrotóxicos;
- O grito da sementes que serão matadas pelos transgênicos com o gene “terminator”;
- O grito do ar que foi poluído;
- O grito da camada de ozônio e com a terra que esquenta; da natureza que se “revolta”;
- O grito humano dos pobres, excluídos, famintos, doentes, marginalizados... grande parcela da vida huma-

na – parte da mãe natureza – está sem vida, morrendo, sofrendo...

Quantos gritos e quantos silêncios...?!

A vida corre riscos quando alguns seres humanos se julgam no direito de tomar o lugar do Criador e se tornarem “deuses”. Quando se criam “organizações” poderosas que se julgam acima do direito e da justiça; daqueles que agem como se fossem proprietários da vida e dos bens dos outros, quando privatizam aquilo que é de todos. É só ver a prepotência dos países ricos, das empresas transnacionais, que vão se apoderando dos recursos e das terras dos países pobres... Há pouco tempo nos deparamos com a crise mundial de alimentos. Tudo porque um pequeno grupo (seis transnacionais) controla a produção e distribuição dos alimentos no mundo. Quanto esse grupo ganhou especulando nas bolsas de valores? São lucros escandalosos. Segundo o diretor do Programa Mundial de Alimentos (PMA) para a América Latina e o Caribe, o chileno Pedro Medrano, o crescente aumento nos preços dos alimentos torna os pobres ainda mais pobres. A diretora geral do PMA, Josette Sheeran, assinalou recentemente que a alta dos alimentos provocou um

“tsunami silencioso”, que deixou 130 milhões de pessoas na pobreza, das quais oito de cada 10 eram mulheres e crianças.⁹

Ou então quando o Presidente Bush resolve ir para outros países e matar milhões de pessoas. Quando os EUA jogaram todas aquelas bombas sobre o Iraque, alguém se perguntou quantas pessoas iriam morrer? Qual seria o impacto sobre a natureza, sobre os rios, sobre o ar? (a Mãe-Terra merecia aquela agressão?) Quando os EUA lançaram o Nepal (agente laranja sobre o Vietnã), se perguntaram que mal fariam à mãe terra e seus filhos?¹⁰ Quando jogaram as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki se preocuparam com quantas pessoas morreriam na hora e após com câncer e de outras doenças ou com o impacto sobre o meio-ambiente? Por que as grandes potências mundiais não destroem os seus laboratórios de produção de armas atômicas, químicas e bacteriológicas? Não sabemos o que se faz com o lixo atômico que hoje é jogado nos mares, longe das usinas que o produzem! E o que pensar daqueles que despejam toneladas de agrotóxicos com aviões; aqueles que enchem áreas enormes com pinus e eucaliptos e destroem

⁹ http://www.estadao.com.br/economia/not_eco222914,0.htm, 13.08.2008.

¹⁰ Mais de 40 anos depois, o “agente laranja” continua contaminando animais, plantações e pessoas, segundo exames feitos neste ano, onde mais de um milhão de pessoas foram vítimas dos ataques praticados pelos EUA, entre 1962 e 1971 no Vietnã.

toda a biodiversidade da natureza? É bom recordar a carta escrita pelo líder indígena Seattle ao Presidente dos EUA, que queria comprar suas terras: “O homem branco trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou colares coloridos. Seu apetite terminará por devorar a terra, deixando somente um deserto... Tudo aquilo que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra”.

Por isso, quando pensamos em São Francisco e quando falamos de Ecologia, não podemos fugir da escuta desses gritos, dessas vozes silenciosas quem chegam do coração da vida!¹¹ Falar de São Francisco é falar de Paz e de Justiça. E a Paz não é somente a ausência de guerras, mas um mundo de relações fraternas, harmonia e solidariedade entre os povos; é a presença do *Shalom*, como nos ensina a Bíblia e toda a tradição hebraica.

Falar de Espiritualidade Franciscana é falar da vida ameaçada, da vida que quer viver e se doar gratuitamente. Francisco, justiça, paz, ecologia... estão ligados a toda a vida. Mas precisamos ver o todo, a defesa de todo o patrimônio da humanidade.

Hoje, devemos lutar pelas grandes causas, mas também trabalhar no microscópio da vida. Ser Franciscano e ser Ecológico hoje é dizer “não” a este modelo neoliberal que quer se apropriar da vida, que quer comercializar a vida; é dizer “não” ao projeto das multinacionais que querem ter o patrimônio das sementes, da água, da terra e que querem mercantilizar a vida! Como dizia D. Hélder Câmara, “A mãe terra pode satisfazer a necessidade de todas as pessoas, mas é incapaz de saciar a ganância de um único ser humano...”. A terra não precisa de “transgênicos” como o da Monsanto para resolver o problema da fome. Basta dar terra e condições para o povo plantar alimentos para a vida. Basta que as pesquisas com sementes sejam patrimônio da humanidade e não das multinacionais. Basta que a terra seja lugar da vida das pessoas e não dos bois.¹² Basta que as árvores sejam plantadas e protegidas; que os rios sejam preservados; que o ar não seja poluído...

Ou cuidamos da mãe terra e da criação ou vamos nos matar a nós mesmos. Inútil pensar no perigo dos asteroides; do apocalipse; ou de tantas formas de fim de mundo que já foram anunciadas... O perigo maior, hoje,

¹¹ Recordo o que dizia Martin L. King: “Não tenho medo das palavras dos violentos, mas do silêncio dos honestos”.

¹² Um exemplo disso é Ortigueira-PR. É um município de latifúndios. É o mais pobre do sul do Brasil; possui cerca de 26 mil habitantes e mais de 200 mil bois.

são as grandes potências, são as transnacionais ou qualquer louco que queira se apropriar da vida... O perigo é um cientista que recebeu o dom de Deus e que poderia descobrir um remédio para curar doenças, mas produz vírus mortais, produz armas químicas atômicas, bombas nucleares...

2.2 Cuidar da Vida

Em 1987, São Francisco de Assis foi escolhido o Patrono da Ecologia. Nós podemos seguir os passos de Francisco, toda vez que escutamos o grito da vida e o acolhemos. Cada vez que plantamos uma árvore e que cuidamos da natureza; quando cuidamos dos animais; quando reciclamos o lixo; quando limpamos os rios; quando não consumimos coca-cola; quando não começamos ou quando deixamos de fumar¹³ e de usar drogas; quando andamos a pé ou de ônibus ainda que pudéssemos usar o carro que polui; quando compramos um produto ecológico; quando consumimos produtos da agroecologia; quando saímos às ruas para gritar contra a guerra, contra os opressores e destruidores da vida; quando usa-

mos a Internet para protestar contra as injustiças; quando apoiamos e prestamos solidariedade a quem sofre e grita clamando pela vida...

Quando nós nascemos e viemos a este mundo recebemos uma herança, um patrimônio. Nós não temos o direito de destruí-lo. Ao contrário, temos que nos perguntar: “Que mundo estaremos deixando para as gerações seguintes?”; “Que direito a nossa geração tem em querer usufruir tudo da Terra sem pensar naqueles que virão depois de nós?”; “Que direito temos de querer destruir um patrimônio que levou em torno de 15 bilhões de anos para ser formado?”.

Podemos ser Franciscanos nós também quando amamos. Quando somos solidários com quem sofre; quando estendemos a nossa mão a quem está caído; quando cuidamos da terra, dos rios, do ar, das plantas e dos animais. Quando paramos para olhar o céu cheio de estrelas e nos colocamos em sintonia com toda a criação, com todo o Universo, com Deus Pai Criador... Somos Franciscanos quando cantamos e sorrimos para a vida. Quando praticamos a não-violência, a resistência pacífica...

¹³ Fumar faz mal à saúde, como bem demonstram as campanhas do Ministério da Saúde. Segundo a OMS, 500 milhões de pessoas devem morrer neste século por causa do fumo, cf. http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid177103,0.htm

Na juventude de hoje, que é sensível aos problemas da vida, existe um potencial enorme de franciscanismo, de ecologia, de defesa da vida... É preciso coragem para fazer história; é preciso amor para poder amar; é preciso fazer nascer e crescer dentro de nós a vontade de abraçar a vida, de defender a Criação, de sonhar grande e com um mundo melhor e mais bonito. Não é ilusão, nem uma falsa utopia, mas o desejo mais profundo que existe dentro de nós. Em cada pessoa “mora” um São Francisco... Ele quer sonhar, quer nos dizer que a vida é bela, que a vida é um dom, que coisas pequenas têm um valor muito grande; que os pequenos gestos são como aqueles pequenos frascos que guardam os grandes perfumes. Sonhar faz bem e é preciso. É o sonho que alimenta a nossa esperança. É a esperança que nos move e nos faz caminhar.

Nós temos a vida em nossas mãos. Podemos fazer dela uma vida de medíocres e alienados, ou podemos fazer dela uma bênção, uma dádiva a serviço da vida. Nós podemos ser Franciscanos e ecológicos neste mundo que quer destruir a vida e implantar seu projeto de morte! Francisco teve um sonho e o colocou em prática, mesmo contra a opinião de muitos e da sociedade da sua época.

Teve que romper os muros da visão fechada de seu pai e dos “maiores” de Assis. Nós podemos ser os “Anjos da Guarda” ou o “Satã” deste mundo. Nós podemos e devemos fazer deste mundo o paraíso, o jardim, o lugar da vida. Ou este mundo será ecológico ou daqui a um tempo não existirá mais! (O mais provável é que a raça humana desapareça e o Cosmos sobreviva independente de nós!). Saber cuidar da vida, aprender a respeitar e amar as criaturas é o desafio da humanidade hoje.¹⁴

Um belo exercício é ir ao pomar e contemplar um pé de laranja todo em flor. As abelhas vêm buscar o nutriente para produzir o mel. O pé de laranja nasceu há tempo, uma pequena semente produziu a planta. A terra lhe deu nutrientes e ela cresceu. A água da chuva alimenta seu crescimento. Em épocas favoráveis os brotos crescem, os galhos se espalham e se enchem de folhas. Quando chega a época do inverno, a planta pára de crescer, concentra suas energias no tronco, fortalece as raízes, deixa cair folhas que lhe servem de adubo. Aproximando-se a primeira, ela volta a crescer. Surgem novos brotos, ramos folhas... Depois as flores que, além da beleza, vão gerar o fruto. As abelhas buscam nas suas flores o néctar que vai produzir o mel (o que será que trouxeram em troca?), que

¹⁴ Recomendo a leitura do livro *Saber cuidar* (Petrópolis: Vozes, 2004), de Leonardo Boff.

vai alimentar as novas abelhas e também as nossas mesas... A flor com o tempo se transforma em fruto, que amadure e serve de alimento e no seu seio produz a semente que gera novas plantas... Quanta relação! E estas são aquelas que podemos ver e perceber. Só Deus poderá saber as relações invisíveis com a luz, o vento, os astros, as pedras, as demais árvores, com os pássaros que escolhem seus ramos para repousar e cantar ou construir seus ninhos... E as relações entre as minúsculas criaturas que não vemos? São relações gratuitas de bondade e reciprocidade. São um pequeno exemplo de como toda a natureza é relacional, é recíproca, é beleza, é gratuita.

Como nos ensinou o seráfico Pai São Francisco: “Irmãos vamos recomeçar, pois pouco ou nada fizemos até agora” (1Cel 103).

Observações

As citações Franciscanas são tiradas de:

Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século (Petrópolis: Vozes, 1983). 1372 páginas.

Desta obra são citados:

- Testamento de São Francisco de Assis (p. 167-171)
- RnB: Regra não-Bulada da Ordem dos Frades Menores (Primeira Regra) – (p. 139-164)
- RB: Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores (Segunda Regra) – (p. 131-139)
- 1Cel: Tomás de Celano, Vida I (p. 177-285)
- 2Cel: Tomás de Celano, Vida II (p. 286-460)
- I Fioretti (p. 1079-1295)

Anexos

Oração de “São Francisco”

*Senhor,
faça de mim um instrumento
de vossa paz!
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.*

*Onde houver trevas, que eu leve a luz!
 Ó Mestre,
 fazei que eu procure mais
 – consolar que ser consolado;
 – compreender que ser compreendido;
 – amar que ser amado.
 Pois é dando que se recebe,
 perdoando que se é perdoado,
 e é morrendo que se vive
 para a vida eterna. Amém!*

Do santíssimo milagre que fez S. Francisco, quando converteu o ferocíssimo lobo de Gúbio

No tempo em que S. Francisco morava na cidade de Gúbio, apareceu, no condado de Gúbio, um lobo grandíssimo, terrível e feroz, o qual não somente devorava os animais como os homens, de modo que todos os cidadãos estavam tomados de grande medo, porque freqüentes vezes ele se aproximava da cidade; e todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate; contudo, quem sozinho o encontrasse não se poderia defender. E o medo desse lobo chegou a tanto que ninguém tinha coragem de sair da cidade.

Pelo que S. Francisco, tendo compaixão dos homens do lugar, quis sair ao encontro do lobo, se bem que os cidadãos de todo não o aconselhassem: e, fazendo o sinal da santa cruz, saiu da cidade com os seus companheiros, pondo toda a sua confiança em Deus. E, temendo os outros ir mais longe, S. Francisco tomou o caminho que levava ao lugar onde estava o lobo. E eis que, vendo muitos cidadãos, os quais tinham vindo para ver aquele milagre, o dito lobo foi ao encontro de S. Francisco com a boca aberta: e chegando-se a ele S. Francisco fez o sinal da cruz e o chamou a si, e disse-lhe assim: “Vem cá, irmão lobo, ordeno-te da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém”.

Coisa admirável! Imediatamente após S. Francisco ter feito a cruz, o lobo terrível fechou a boca e cessou de correr; e dada a ordem, vem mansamente como um cordeiro e se lança aos pés de S. Francisco como morto.

Então, S. Francisco lhe falou assim: “Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra, e grandes malefícios, destruindo e matando as criaturas de Deus sem sua licença; e não somente mataste e devoraste os animais, mas tiveste o ânimo de matar os homens feitos à imagem de Deus; pela qual coisa és digno da força, como ladrão e homicida péssimo: e toda a gente grita e murmura contra ti, e toda esta terra te é inimiga. Mas eu quero, irmão

lobo, fazer a paz entre ti e eles; de modo que tu não mais os ofenderás e eles te perdoarão todas as passadas ofensas, e nem homens nem cães te perseguirão mais”.

Ditas estas palavras, o lobo, com o movimento do corpo e da cauda e das orelhas e com inclinação de cabeça, mostrava de aceitar o que S. Francisco dizia e de o querer observar. Então, S. Francisco disse: “Irmão lobo, desde que é de teu agrado fazer e conservar esta paz, prometo te dar continuamente o alimento enquanto viveres, pelos homens desta terra, para que não sofras fome; porque sei bem que pela fome é que fizeste tanto mal.

Mas, por te conceder esta grande graça, quero, irmão lobo, que me prometas não lesar mais a nenhum homem, nem a nenhum animal: prometes-me isto?”. E o lobo, inclinando a cabeça, fez evidente sinal de que o prometia. E S. Francisco disse: “Irmão lobo, quero que me dês prova desta promessa, a fim de que possa bem confiar”.

E, estendendo S. Francisco a mão para receber o juramento, o lobo levantou o pé direito da frente, e domesticamente o pôs sobre a mão de S. Francisco, dando-lhe o sinal como podia. E então disse S. Francisco: “Irmão lobo, eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que venhas agora comigo sem duvidar de nada, e vamos concluir esta paz em nome de Deus”.

E o lobo obediente foi com ele, a modo de um cordeiro manso; pelo que os cidadãos, vendo isto, muito se maravilharam. E subitamente esta novidade se soube em toda a cidade; pelo que toda a gente, homens e mulheres, grandes e pequenos, jovens e velhos, vieram à praça para ver o lobo com S. Francisco. E, estando bem reunido todo o povo, S. Francisco se pôs em pé e pregou-lhe dizendo, entre outras coisas, como pelos pecados Deus permite tais pestilências; e que muito mais perigosa é a chama do inferno, a qual tem de durar eternamente para os danados, do que a raiva do lobo, o qual só pode matar o corpo; quanto mais é de temer a boca do inferno, quando uma tal multidão tem medo e terror da boca de um pequeno animal! “Voltai, pois, caríssimos, a Deus, e fazei digna penitência dos vossos pecados, e Deus vos livrará do lobo no tempo presente, e no futuro do fogo infernal”. E, acabada a prédica, disse S. Francisco: “Ouvi, irmãos meus; o irmão lobo, que está aqui diante de vós, prometeu-me e prestou-me juramento de fazer as pazes convosco e de não vos ofender mais em coisa alguma, se lhe prometerdes de dar-lhe cada dia o alimento necessário; e eu sirvo de fiador dele de que firmemente observará o pacto de paz”.

Então, todo o povo a uma voz prometeu nutri-lo continuamente. E S. Francisco, diante de todos, disse

ao lobo: “E tu, irmão lobo, prometes observar com estes o pacto de paz, e que não ofenderás nem aos homens nem aos animais nem a criatura nenhuma?”. E o lobo ajoelhou-se e inclinou a cabeça, e, com movimentos mansos de corpo e de cauda e de orelhas, demonstrou, quanto possível, querer observar todo o pacto.

Disse S. Francisco: “Irmão lobo, quero, do mesmo modo que me prestaste juramento desta promessa, fora de portas, também diante de todo o povo me dêes segurança de tua promessa, e que não me enganarás sobre a caução que prestei por ti”. Então, o lobo, levantando a pata direita, colocou-a na mão de S. Francisco. Pelo que, depois deste fato, e de outros acima narrados, houve tanta alegria e admiração em todo o povo, tanto pela devoção do santo, e tanto pela novidade do milagre e tanto pela pacificação do lobo, que todos começaram a clamar para o céu, louvando e bendizendo a Deus, o qual lhes havia mandado S. Francisco, que por seus méritos os havia livrado da boca da besta cruel.

E, depois, o dito lobo viveu dois anos em Gúbio; e entrava domesticamente pelas casas de porta em porta, sem fazer mal a ninguém, e sem que ninguém lho fizesse; e foi nutrido cortesmente pela gente; e, andando assim pela cidade e pelas casas, jamais nenhum cão ladrava atrás dele. Finalmente, depois de dois anos o irmão lobo

morreu de velhice: pelo que os cidadãos tiveram grande pesar, porque, vendo-o andar assim mansamente pela cidade, se lembravam melhor da virtude e da santidade de S. Francisco. Em louvor de Cristo. Amém.

(I Fioretti 21).

Ensinamentos sobre a perfeita alegria

Vindo uma vez São Francisco de Perúgia para Santa Maria dos Anjos com Frei Leão, era tempo do inverno e o frio grandíssimo o cruciava fortemente. Chamou Frei Leão, que ia indo na frente, e disse assim: “Frei Leão, se acontecer, por graça de Deus, que os frades menores dêem em todas as terras grande exemplo de santidade e de boa edificação; apesar disso, escreve e anota diligentemente que não está aí a perfeita alegria”.

E andando mais adiante, São Francisco chamou-o uma segunda vez: “Ó Frei Leão, ainda que o frade menor ilumine os cegos, estenda os encolhidos, expulse os demônios, faça os surdos ouvirem e coxos andarem, e os mudos falarem e, o que é coisa maior, ressuscite os mortos de quatro dias; escreve que não está aí a perfeita alegria”.

E, andando um pouco, São Francisco gritou forte: “Ó Frei Leão, se o frade menor soubesse todas as lín-

guas, todas as ciências e todas as escrituras, de modo que soubesse profetizar e revelar não somente as coisas futuras mas até os segredos das consciências e das pessoas; escreve que não está nisso a perfeita alegria”.

Andando um pouco mais adiante, São Francisco ainda chamava forte: “Ó Frei Leão, ovelhinha de Deus, ainda que o frade menor fale com a língua do Anjo e saiba os caminhos das estrelas e as virtudes das ervas, e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra, e conhecesse as virtudes dos pássaros e dos peixes e de todos os animais, e das pedras e das águas; escreve que não está nisso a perfeita alegria”.

E, andando ainda mais um pedaço, São Francisco chamou com força: “Ó Frei Leão, ainda que o frade menor soubesse pregar tão bem que convertesse todos os infiéis para a fé de Cristo; escreve que aí não há perfeita alegria”.

E, durando esse modo de falar bem duas milhas, Frei Leão, com grande admiração, lhe perguntou, dizendo: “Pai, eu te peço da parte de Deus que tu me digas onde há perfeita alegria”. E São Francisco lhe respondeu: “Quando nós estivermos em Santa Maria dos Anjos, tão molhados pela chuva, enregelados pelo frio, enlameados de barro, aflitos de fome, e batermos à porta do lugar, e o porteiro vier irado e disser: Quem sois vós? E nós disser-

mos: Nós somos dois dos vossos frades. E ele disser: Vós não dizeis a verdade, aliás sois dois marotos que andais enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; ide embora; e não nos abrir, e fizer-nos ficar fora na neve e na água, com o frio e com a fome até de noite; então, se nós suportarmos tanta injúria e tanta crueldade, e tantas despedidas pacientemente, sem nos perturbarmos, e sem murmurar dele, e pensarmos humildemente que aquele porteiro nos conhece de verdade, que Deus o faz falar contra nós; ó Frei Leão, escreve que aqui há perfeita alegria. E se, apesar disso, continuássemos batendo, e ele saísse para fora perturbado, e nos expulsasse como velhacos importunos, com vilanias e bofetões, dizendo: Ide embora daqui, ladrõesinhos muito vis, ide ao hospital, porque aqui vós não comereis, nem vos abrigareis; se nós suportarmos isso pacientemente, com alegria e com bom amor; ó Frei Leão, escreve que aqui há alegria perfeita. E se nós, mesmo constrangidos pela fome, pelo frio e pela noite, ainda batermos mais, chamarmos e pedirmos por amor de Deus com muito pranto que nos abra e nos ponha para dentro assim mesmo, e ele escandalizado disser: Estes são patifes importunos, eu os pagarei bem, como merecem; e sair para fora com um bastão cheio de nós, e nos agarrar pelo capuz e jogar por terra, e nos revirar na neve e nos bater nó por nó com aquele bastão: se nós su-

portarmos todas essas coisas pacientemente e com alegria, pensando nas penas de Cristo bendito, que temos que agüentar por seu amor; ó Frei Leão, escreve que aqui e nisto há perfeita alegria.

E, por isso, ouve a conclusão, Frei Leão. Acima de todas as graças e dons do Espírito Santo, que Cristo concede aos seus amigos, está a de vencer a si mesmo e de boa vontade, por amor de Cristo, suportar penas, injúrias, opróbrios e mal-estares; porque de todos os outros dons

de Deus nós não podemos nos gloriar, pois não são nossos mas de Deus, como diz o Apóstolo: Que é que tu tens que não recebeste de Deus? E se recebeste dele, por que te glorias, como se o tivesses por ti? Mas na cruz da tribulação e da aflição nós podemos nos gloriar, pois diz o Apóstolo: Não quero me gloriar a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Para louvor de Jesus Cristo e do pobrezinho Francisco. Amém. (I Fioretti 8)